

A COISA DAS PROFUNDEZAS

Nos referimos a monstro algo repugnante, perigoso, feio, de aspecto e atos aterrorizantes. Mas, só sabemos o seu real significado quando encontramos, aquilo que literalmente é.

Não faz tanto tempo assim, estávamos em meados de 1990 e se não fosse por aqueles acontecimentos, seria apenas mais um ano comum. Tanto para mim, como para os quatro mineradores que estavam comigo.

Naquele dia, cavamos fundo de mais, e não esperávamos encontrar aquilo. Em todos os anos como minerador, jamais presenciei algo parecido. O que viemos a fazer depois, foi em comum acordo, sem culpa ou arrependimentos. E se não fosse assim, o mundo hoje presenciaria e sofreria com uma parte do inferno andando, livremente, sobre a terra.

Lembro-me que eu, Mihai, e meus companheiros; Nicolae, Andrei, Bogdan, e Ioan perfurávamos uma rocha muito resistente, não recordo com clareza nossa localização, mas, com certeza, estávamos mais de três mil metros abaixo da superfície, mais profundo do que qualquer outro grupo já tinha ido antes.

O nosso pesadelo começou, a partir do momento, que quebramos aquela broca, isso e o fato de a máquina ficar presa naquela rocha, que mais parecia aço de tão resistente, nos tomou boa parte do dia. Depois de algumas horas, conseguimos substituir por outra, e voltamos a furar. Passamos tanto tempo tentando consertar tudo que nem percebemos as horas passarem, e já estávamos no final do nosso expediente. Dentro de uma mina, se perde totalmente a noção do tempo.

— Mihai! Os outros querem saber se não iremos agora? Estão aguardando no elevador, somos a última equipe aqui. — Perguntou Ioan.

— Diga a eles que tivemos um imprevisto e atrasamos um pouco, podem ir sem nós, mais dez minutos e finalizamos por hoje. — Respondi.

Eu era o líder da minha equipe de mineradores. Em meu país, Romênia, a extração de ouro é comum, nosso solo é rico desse metal precioso. Conhecia aqueles homens a anos, éramos mais que um time entrosado, confiávamos, um no outro, mas aquele dia que decidi ficar mais um pouco, foi meu pior erro.

Como atrasamos boa parte do que tínhamos a fazer, devido o problema com a broca, pensei em perfurar só mais um pouco. Quando finalizamos e retiramos a máquina, Nicolae observou algo estranho naquela parede de rocha.

— Ei, vejam isso! Parece que a um vácuo aqui. — Disse ele.

— Sim, essa rocha parece oca! — Comentou Bogdan, observando mais de perto.

Iluminando com a lanterna, tentou ver o que havia pôr dentro do buraco, então, cometi meu segundo erro. Com uma marreta aplico o primeiro golpe, parte daquela parede de pedra cai, abrindo uma passagem e revelando seu interior.

Havíamos encontrado algo que parecia estar ali a anos, talvez milênios, intocado, sem intervenção humana. Alguém tinha escavado aquela montanha, antes de nós, não imagino como nem com o que! Aquilo tudo parecia tão irreal, mas não era, e estava ali, diante de nós. Minha primeira impressão foi de termos encontrado uma cripta, uma câmara mortuária ou algo assim. Nunca tinha visto tal construção antes. Então começamos a nos questionar, tentando responder a nossas próprias dúvidas...

— Mas que diabos é?

— Isso não deveria estar nessa mina, não faz o menor sentindo, como essa catacumba, ou seja, lá o que for, veio parar aqui?

— Mas quem fez isso? Desconheço a existência de outra entrada a não ser a que fizemos, para descer até onde estamos.

— Seja o que for, quem fez e para qual seu propósito, não sabemos ainda, mas está aqui por algum motivo, e vamos descobrir qual é! — Respondi!

Entramos naquele lugar totalmente hostil, inseguros e claro com medo. Nenhum de nós tinha visto coisa igual, nossa curiosidade em desvendar aquele mistério falou tão alto, que não medimos os perigos que corríamos em estarmos ali.

Mas adentro, conseguimos ver algo semelhante a uma escrita, estava por todo o local, certamente uma língua morta e a eras esquecida pela humanidade. Nos queriam dizer algo, mas o que? Algum aviso de perigo, ou alguma instrução? Não sabíamos...

— Tomem cuidado onde pisam, não conhecemos nada por aqui. — Alertei os rapazes.

— Mihai veja isso! — Disse Andrei, iluminando algo com a lanterna que acabara de encontrar.

— O que acha que é? — Me perguntou.

— Santo Deus! — Respondi — parece uma tumba, repleta por essas palavras e símbolos estranhos.

Havíamos encontrado algo semelhante a uma tumba, bem no centro daquele lugar, e claro cometemos o erro de abri-la. Havia uma substância lacrando a pesada tampa, como se fosse um selo. Rompemos e depois, foi necessário nos cinco empurrarmos aquilo com toda força. Devia pesar uns duzentos quilos ou mais.

Enquanto movíamos para o lado, Ioan machucou-se cortando sua mão, um ferimento relativamente profundo, que causou sangramento imediato.

— Demônios! Essa pedra, mas parece uma navalha. — Disse ele.

— Se feriu? Está bem? — Perguntei.

— Estou bem, irei sobreviver, dá para fazer um curativo com o kit de primeiros socorros e estancar o sangue...

— Então dá para tirar, seu braço ensanguentado de cima da catacumba idiota, está manchando tudo de sangue. — Pediu Andrei.

Com o pequeno acidente de Ioan, nos distraímos um pouco e não percebemos, que tínhamos aberto a catacumba, e quando olhamos para dentro, tivemos o maior susto de nossas vidas.

Um corpo pálido como a neve, magro e de pele enrijecida repousava ali. Por algum motivo, estava conservado. Não encontramos um esqueleto ou parte de ossos virando pó, que seria algo mais natural e aceitável, nem tão pouco estava apodrecido, por mais que seu odor forte dissesse o contrário.

— Santo Deus! Que diabos é essa isso?

— É uma múmia, tipo aquelas egípcias!

— Não existem múmias, aqui na Romênia seu tolo.

— Parece estar dormindo!

— Essa coisa não está dormindo idiota, está morta.

— Esperem!... Vejam! Aquilo... parecem presas!

— Não dá para ver bem, tem sangue do Ioan por todo o rosto dele, o desastrado fez o favor de sangrar em cima dessa coisa. Está uma bagunça,

obrigado idiota! Da próxima vez por que não se joga dentro?

— Quietos vocês dois! — Falei — iluminem a face dele, Nicolae pegue algo e limpe a boca.

Depois que limpamos, ficou notável que se tratava realmente de duas presas, e deixou claro que aquilo não era humano. Ao observarmos mais de perto, notamos que suas orelhas eram pontiagudas, seus dedos tinham unhas longas e firmes, como as garras de um felino. Nossa reação ao ver isso se resumiu a uma histeria de pânico, ficamos todos apavorados.

— Jesus Cristo! O que é essa aberração? — Perguntou Bogdan, enquanto fazia o sinal da cruz.

— Isso não é humano, não é desse mundo, essa coisa é algum demônio!

Diziam eles assustados, eu também não sabia o que era, nem sua origem, mas estava certo que tínhamos de sair dali e chamar as autoridades responsáveis, o mais rápido possível.

— Fiquem calmos. — Disse, tentando mantê-los em ordem.

— Fiquem calmos! Fiquem calmos? Como você pede para nos acalmar numa situação dessa? — Questionou Bogdan assustado, assim como os outros.

— Ficar em pânico não vai nos ajudar em nada. Vamos sair daqui, e deixar quem entende resolver isso. — Disse.

E assim fizemos, saímos e fomos para o elevador, ninguém queria ficar mais um minuto com aquele corpo, mais aquela enorme mina ainda nos reservaria outras surpresas desagradáveis.

— O que foi?

— Acho que o elevador emperrou.

— O motor não funciona, deve ser o gerador. Mas que maravilha! Essa geringonça emparrar logo agora.

Enquanto tentávamos resolver o problema, nem desconfiávamos que, fortes ventos de uma tempestade, haviam rompido alguns cabos de força na superfície. Agora estávamos sós e isolados do mundo.

— Aconteceu alguma coisa lá em cima, o elevador não costuma dar defeito.

— É, mas agora temos que passar a noite aqui?

— A não ser que tenha uma solução, para nos tirar a mais de três mil metros dentro da terra, e que não seja escalando, sim!

Discutíamos entre si, tentando encontrar outro meio de saímos da mina, mas não conseguimos, não havia outra saída a não ser pelo elevador. Éramos mineiros, estávamos acostumados passar grande parte do dia naquelas enormes galerias, milhares de metros nas profundezas da terra. Isso não nos preocupava, o problema é que estávamos com aquele corpo, cheio de dentes, e isso incomodava.

De repente ouvimos barulhos, estávamos todos reunidos próximo ao elevador. Ficamos imediatamente em alerta, não tínhamos conhecimento de mais ninguém na mina, além de nós. E o pior de tudo, o som vinha daquela cripta, onde repousava aquele ser estranho.

Ficamos calados, estáticos, olhando para lá. Como ninguém iria só, conferir o que foi aquilo. Então fomos todos juntos, com medo, mas unidos. Quando chegamos no local, estava tudo aparentemente igual, mas tínhamos que nos certificar se aquela coisa, também estava lá. Bem devagar e cautelosos fomos caminhando, e quando iluminamos dentro da tumba, aquilo havia sumido! Ficamos loucos, saímos correndo como crianças com medo do escuro, sem

olhar se quer para trás.

Estávamos nervosos, esperávamos encontrar aquele cadáver dentro da catacumba, assim como deixamos, e não fora dela. Mas aquela coisa, seja lá o que for, não estava mais lá. O medo bloqueava nossos pensamentos, então tive que acalmá-los mais outra vez.

— Que diabos foi isso? Alguém pode me explicar como aquela múmia saiu dali? — Perguntou Nicolae.

— O que vai acontecer agora? Aquele demônio virar atrás de nós? Irá possuir nossas almas! — Questionava Andrei, visivelmente em choque.

— Calma pessoal! Tentem manter a calma, primeiro aquela coisa não é nada de múmia ou demônio, não sabemos, ainda, o que é!... — Tentava manter o controle do grupo, quando fui interrompido por Ioan.

— Eu sei o que é aquela coisa... — disse ele — aquilo é um strigoil! Acreditem! Meus avós eram ciganos, os pais deles e os pais dos pais deles também, nós ciganos conhecemos bem o que é isso. Minha família sempre falou sobre eles, e desde criança ouvia essas lendas, mas achava que fosse apenas para assustar criancinhas. Quando vi, fiquei em dúvida se realmente era um, não queria assustá-los, mas agora tenho a certeza, as histórias e lendas sobre essas bestas são reais.

— Que lendas são essas? — Perguntamos.

— Ha muito tempo, uma criatura reinou absoluta sobre a terra, antes mesmo da raça humana existir, essa coisa é mais velha do que nossa própria existência, quando nossa espécie evoluiu e multiplicou-se, ele passou a se alimentar de nós, somos apenas gado para eles. Isso é um predador absoluto, está no topo da cadeia alimentar.

— Então strigois são verdadeiros? Aquilo é um morto-vivo? Achei que fosse apenas folclore da nossa terra. — Disse Andrei.

Aquilo não era uma catacumba ou uma cripta, era uma prisão, e aquelas palavras eram um aviso de perigo, nós libertamos de sua prisão de milênios. E o sangue do ferimento na mão de Ioan, que caiu na boca daquela criatura, talvez o reviveu, e agora estava sedento por mais. E se não fizéssemos nada naquele momento, sua fome de mil anos seria saciada por nos cinco.

Estávamos por nossa própria sorte, isolados em uma mina gigantesca, com inúmeras galerias, a mais de três mil metros abaixo da superfície, com uma criatura que, agora, tínhamos certeza de estar viva e que viria atrás de nós. Não nos restavam muitas opções, a não ser encarar aquilo e lutarmos até o fim para sobreviver.

— O que faremos agora? — Perguntou Nicolae.

— Não nos resta outra opção, a não ser capturar aquele monstro, e matá-lo! — Disse a eles.

— Estás louco Mihai? Como vamos matar o que não está vivo? Esqueceu que ele está morto? — Diziam me questionando, deixando claro que não gostaram da minha ideia.

— Segundo os relatos históricos, e o que meus ancestrais contaram, a mais de uma maneira de mata-lo, podemos; decapitar, queimar ou cravar uma estaca no peito, bem no coração. Não são imortais, muito do que dizem sobre eles são mentiras, podemos mata-lo sim. — Explica Ioan.

Então nos armamos com o que tínhamos, qualquer coisa ou ferramenta que fosse pontiaguda, tivesse alguma lâmina ou algo que pudéssemos adaptar como arma.